

Cultura, Barbárie e Educação em Edgar Morin

Marcos Antônio Lorieri

Professor pesquisador do PPGE da Universidade Nove de Julho.
Doutorado em Filosofia da Educação pela PUCSP.

Resumo: Apresenta-se e discute-se o que diz Morin sobre a barbárie humana, partindo de sua concepção de ser humano. Razão (*sapiens*) e a loucura (*demens*) são constituintes do humano. *Demens* é fonte da barbárie á qual se pode opor *sapiens*. *Sapiens* pode controlar *demens*? Educação é transmissora da cultura (resultante de *sapiens*): deve auxiliar a desenvolver a racionalidade humana como antídoto à barbárie.

Palavras-chave: Educação, complexidade, cultura e barbárie.

Abstract: Morin is presented and discussed on his ideas on the human barbarism, from his conception of human being. Reason (*sapiens*) and madness (*demens*) are part of human constitution. *Demens* is the barbarism source to which *sapiens* may oppose. Can *Sapiens* control *demens*? As Education is culture transmitter (resulting from *sapiens*), it must help in order to develop human reasoning as the antidote to barbarism.

Keywords: Education, complexity, culture and barbarism.

“Na dialógica, os antagonismos persistem e são constitutivos das entidades ou dos fenômenos complexos.” (MORIN, 2003, p. 301)

Edgar Morin, produz diversas obras sobre a condição humana que, como ele mesmo o diz em *O Método 5: a humanidade da humanidade; a identidade humana* (2003) é sua obsessão principal. Ao responder à pergunta: “Por que me entreguei a este livro?”. Sua resposta é reveladora:

A obsessão principal da minha obra diz respeito à condição humana. Escrevi *O homem e a morte* de 1948 a 1951, “Fragmentos para uma antropologia” em *Arguments* (1960). *Le vif du sujet*, em 1963-1964. *O paradigma perdido*, em 1972; na realidade, o primeiro (1977) e o segundo (1981) tomos de *O Método* atrelam a interrogação do humano à do mundo físico e do mundo vivo. O terceiro e o quarto, que tratam das possibilidades e dos limites do nosso conhecimento, ligam antropologia e epistemologia, que, para mim, se remetem uma à outra. Enfim, tratei dos problemas e do destino da humanidade, em nossa era planetária, em *Introdução a uma política do homem* (1965, 1969), *Para sair do século XX* (1981), *Terra Pátria* (1993). (MORIN, 2003, p. 19).

Obsessão principal porque “permanecemos um mistério para nós mesmos”, conforme dizia Pascal (idem, p. 16). Para enfrentar este mistério não nos bastam ciências desligadas umas das outras, ainda que aprofundem estudos especializados sobre aspectos importantes do humano. Nem é suficiente a reflexão filosófica que se fecha em si mesma sem dialogar com estas ciências e com as artes.

Precisamos de um pensamento que tente juntar e organizar os componentes (biológicos, culturais, sociais, individuais) da complexidade humana e injetar as contribuições científicas na antropologia, no sentido do pensamento alemão do século XIX

(reflexão filosófica centrada no ser humano). Significa, ao mesmo tempo, reaprender a concepção de “homem genérico” do jovem Marx, que perpassa toda a sua obra, mas complexificando e aprofundando essa noção, à qual faltava o ser corporal, a psique, o nascimento, a morte, a juventude, a velhice, a mulher, o sexo, a agressão, o amor. Precisamos, nesse sentido, de uma abordagem existencial aberta à angústia, ao gozo, à dor, ao êxtase. (2003, p. 17).

Além desses saberes, ele propõe que sejam integrados os saberes que advêm das artes, pois, “a literatura, a poesia e as artes não são apenas meios de expressão estética, mas também meios de conhecimento” (idem, p.17). Assim como é preciso que os seres humanos se olhem interiormente, através da introspecção (idem, p.17-18). É uma grande e nada simples tarefa. Uma tarefa complexa por todas as dificuldades que encerra e por todas as variáveis que inclui. Em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000), na qual faz indicações para a educação ele diz:

O humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade original. É super e hipervivente: desenvolveu de modo surpreendente as potencialidades da vida. Exprime de maneira hipertrofiada as qualidades egocêntricas e altruístas do indivíduo, alcança paroxismos de vida em êxtases e na embriaguês, ferve de ardores orgiásticos e orgásmicos, e é nesta hipervitalidade que o *Homo Sapiens* é também o *Homo Demens*. O homem é, portanto, um ser plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. (MORIN, 2000, p. 52)

Logo em seguida ele diz: “O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura”. (idem, p. 52). Lembra idéias de Kant em *Sobre a Pedagogia* (1996): “Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem.” (p. 16). Para Morin

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. (MORIN, 2000, p 56).

Ele diz, também, que o ser humano é um ser constituído por características que são antagônicas, contrárias e complementares.

Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isso constitui o estofamento propriamente humano. O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e de desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Idéias, mas que duvida dos deuses e critica as Idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. (MORIN, 2000, p. 59)

Daí dizer que o ser humano é *Sapiens/demens*, uma dupla de características contrárias ou antagônicas, mas complementares e outras mais que ele aponta dizendo:

O século XXI deverá abandonar a visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica (*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*Homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*). O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas:

Sapiens e demens (sábio e louco)
Faber e ludens (trabalhador e lúdico)
Empiricus e imaginarius (empírico e imaginário)
economicus e consumans (econômico e consumista)
prosaicus e poeticus (prosaico e poético). (2000, p. 58)

Interessante ainda marcar outra idéia de Morin e compará-la com uma idéia de Kant.

A dialógica *sapiens/demens* foi criadora e também destruidora; o pensamento, a ciência, as artes foram irrigadas pelas forças profundas da afetividade, por sonhos, angústias, desejos, medos esperanças. Nas criações humanas há sempre uma dupla pilotagem *sapiens/demens*. *Demens* inibiu, mas também favoreceu *sapiens*. Platão já havia observado que *Diké*, a lei sábia, é filha de *Übris*, o descomedimento. (2000, p. 60).

Agora o que diz Kant:

o característico da espécie humana (...) é que a natureza pôs nela o germe da *discórdia* e quis que a sua própria razão tirasse dessa discórdia a *concordia*, ou ao menos a constante aproximação dela, esta última sendo, com efeito, na *idéia* o fim, embora *de fato* aquela primeira (a discórdia) seja, no plano da natureza, o meio de uma sabedoria suprema, imperscrutável para nós: realizar o aperfeiçoamento do ser humano mediante cultura progressiva, ainda que com muito sacrifício da alegria de viver. (2006, p. 216).

Para Morin, para Kant e para muitos pensadores não é nada fácil compreender o ser humano. E não é nada fácil ser um ser humano bom. Mas, o que seria ser um ser humano bom? Esta talvez seja a reflexão mais importante que todos os educadores devessem fazer. Aliada, talvez a outra: é possível um ser humano bom, de vez que observamos tanta maldade a que denominamos de barbárie? Há mesmo possibilidade de tornar o ser humano um ser não mau? Há algum antídoto à barbárie? Esse antídoto seria a cultura?

Como pensar um caminho educacional que leve em conta as idéias de Morin e de Kant acima mostradas? De Morin quando diz que se o homem não dispusesse de cultura seria um primata do mais baixo nível e que ele somente se realiza plenamente na cultura e pela cultura (2000, p. 52). De Kant quando diz que quem não tem cultura é um bruto e quem não tem educação é um selvagem (1996, p. 16).

Morin em três conferências pronunciadas em 2005 e publicadas com revisões em *Cultura e barbárie européias* em 2009, no Brasil, propõe-se apresentar um “esboço da antropologia da barbárie humana” (p. 11) e a inicia retomando as idéias

até agora apresentadas que estão presentes nos seus mais diversos textos. Ele reforça especialmente o caráter dialógico das características humanas, isto é, o caráter de existência, ao mesmo tempo antagônica e complementar, dessas características. Ou seja, o ser humano é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, *faber* e *ludens* e *economicus* e *consumans*, além das demais características. “O *Homo sapiens*, racional, pode ao mesmo tempo ser *Homo demens*, capaz de delirar, de experimentar a loucura.” (2009, p. 11 Itálicos do autor). A palavra “pode” é importante. Há sempre a possibilidade de barbárie porque esta possibilidade está inscrita na constituição do ser humano. Veja-se o que é dito na epígrafe: “os antagonismos persistem e são constitutivos das entidades ou dos fenômenos complexos.” (MORIN, 2003, p. 301). Tanto pode que ocorreu e continua a ocorrer. “Assim, podemos ver as potencialidades, as virtualidades da barbárie aparecerem em todos os traços característicos da nossa espécie humana.” (MORIN, 2009, p. 14). Mas, pode não ocorrer: esta é a esperança que indica caminhos para a educação. Um dos caminhos é o desenvolvimento de uma razão crítica e auto-crítica. Mesmo assim com ressalvas, dirá Morin.

Poder-se-ia imaginar que o antídoto para “demens” se encontra em “sapiens”, na razão, mas a racionalidade não pode ser definida de maneira unívoca. Nós, muitas vezes acreditamos estar na racionalidade quando na verdade estamos na racionalização, um sistema perfeitamente lógico mas que não possui base empírica que permita justificá-lo. E nós sabemos que a racionalização pode servir à paixão e até mesmo levar ao delírio. Existe um delírio da racionalidade fechada. (MORIN, 2009, p. 12)

Mas, a razão é um caminho. A razão aberta, ou seja, a racionalidade. Talvez o grande caminho. Desde que seja o caminho da racionalidade e não o caminho da racionalização. Em diversas obras Morin aponta a diferença e mesmo a oposição entre racionalidade e racionalização. Denomina a racionalidade de razão aberta e a vê como sinônimo de razão complexa.

Em os *Sete Saberes necessários à educação do futuro* (2000), caracteriza a racionalidade como aberta e em constante diálogo com a realidade; ela elabora teorias buscando sua coerência e a compatibilidade entre o que afirma e os dados empíricos de que parte e aos quais se aplica. Ela recebe contestações, mas não se fecha a elas, pois, “deve permanecer aberta ao que a contesta para evitar que se feche em doutrina e se converta em racionalização.” (MORIN, 2000, p. 23) Ela também exerce crítica em relação “aos erros e ilusões das crenças, doutrinas e teorias”. (idem, ibidem).

A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. (...) é o fruto do debate argumentado das idéias e não a propriedade de um sistema de idéias. (...) A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar as suas insuficiências. (MORIN, 2000, p. 23)

Nesta mesma obra caracteriza a racionalização que é uma possibilidade da razão e que, por suas características, pode levar o ser humano a desatinos. Ela,

crendo-se racional não o é, pois “fundamenta-se em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e à verificação empírica.” (idem, p. 23)

A racionalização ao tentar impor exclusivamente os processos racionais para explicar a realidade acaba por simplificá-los, excluindo todos os aspectos não racionalizáveis do real. Um exemplo disso é apontado por Morin na barbárie dos campos de concentração. “O campo de concentração tornou-se cada vez mais racional quando os métodos industriais foram aplicados à morte: a racionalidade instrumental culmina em Auschwitz.” (MORIN, 1986:271)

Adorno (1995) aponta como uma das principais causas para a ocorrência das barbáries, como a de Auschwitz, a identificação cega com o poder coletivo que carrega um arsenal de justificativas racionalizadoras. Trata-se da própria razão instrumental.

Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a identificação cega ao coletivo. Por outro lado, são talhados para manipular massas, tais como os Himmler, Höss, Eichman. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos. (ADORNO, 1995: 127)

A razão instrumental está sempre presente no jogo do poder que visa a manipular pessoas e a manter regimes totalitários. Decorrente daí, o quadro apontado por Morin quando se reporta a todo tipo de barbárie em *Cultura e barbárie européias* (2009) e pelos pensadores da escola de Frankfurt. A razão, no caso, torna-se instrumento do poder, controlando e manipulando a natureza e as próprias pessoas. Uma verdadeira ditadura de idéias que não é percebida de forma clara. A ditadura provocada pela racionalização está presente no dia-a-dia servindo às pessoas como discurso auto-justificador. É um discurso que toma apenas aspectos parciais do real, aqueles que são convenientes, para defender interesses próprios e para servirem a processos de acusação a outrem. O cerne da racionalização está na visão fragmentada do real e na sua simplificação daí decorrente. Fragmenta-se, simplifica-se, reduz-se. A ótica em tudo é reduzida ao que interessa. O que escapa não é considerado por pura conveniência. Procura-se impor aos demais um entendimento da realidade que lhes mostra apenas um fragmento dela. Morin dá como exemplo para ilustrar este processo, o caso do anti-semitismo. O fato de muitos judeus movimentarem o mercado financeiro serviu de justificativa para acusá-los de um complô com vistas a dominar o mundo. Este aspecto parcial da realidade serviu de argumento à coerência do discurso anti-semita, conforme ele o diz em *Para sair do Século XX* (1986, p. 139). A racionalização está presente em todas as esferas da vida social e o antídoto a ela e às suas conseqüências está na racionalidade ou na razão crítica e auto-crítica. Na razão está o “fermento crítico” que é fundamental para que a razão não se feche em si mesma, acabando por transformar-se em racionalização. Quando esse fermento perde sua força o resultado é desastroso.

Ora, por toda a parte onde se esbate ou se dissolve a idéia humanista (tornando-se cada vez mais frágil), por toda parte onde se retira o fermento crítico, a racionalização fechada devora a razão. Os homens deixam de ser concebidos como sujeitos livres ou sujeitos. Devem obedecer à aparente racionalidade (do Estado, da burocracia, da indústria). (MORIN, 1998, p. 161)

É um alerta que vem logo após Morin, em *Ciência com Consciência* (1998), ter chamado a atenção para o importante papel do racionalismo das Luzes que era um ingrediente fundamental do humanismo crítico. “Assim, esse racionalismo humanista apresentou-se como uma ideologia de emancipação e de progresso.” (idem, p. 160) Morin atribui a ele, apesar das suas limitações, a disseminação do

fermento da emancipação dos escravos e dos oprimidos, da igualdade, dos direitos do homem-cidadão, do direito dos povos disporem de si mesmos. A confiança no *homo sapiens*, o homem-sujeito racional (esvaziado de toda afetividade, de toda “irracionalidade”) permitiu universalizar o princípio de liberdade. (MORIN, 1998, p. 161).

Havia, pois, na proposta do racionalismo humanista das luzes um fermento crítico que poderia ter caminhado na direção da emancipação e da não barbárie. Mas, nas suas limitações havia o germe da racionalização. Essas limitações “podiam levar, inconscientemente, a promover homogeneização, trituradora das diferenças, ou ao desprezo do diferente como inferior.” (idem, p. 161) E, de fato, levaram a esses efeitos perversos. “Efetivamente, quando se afundam o humanismo e a virtude crítica, há desencadeamento de uma força implacável de ordem e de homogeneização.” (idem, p. 164).

Assim, nessa lógica, produz-se não só uma burocracia para a sociedade, mas também, uma sociedade para essa burocracia; não só se produz uma tecnocracia para o povo, mas também se constrói um povo para essa tecnocracia; não só se produz um objeto para o sujeito, mas também, segundo a frase de Marx à qual hoje se podem dar prolongamentos novos e múltiplos, “se produz um sujeito para o objeto”. (MORIN, 1998, p. 164).

Somente a razão crítica e auto-crítica pode ser uma aliada potente a todas essas mazelas da racionalização. Somente esta razão aberta pode ser um antídoto forte à barbárie. A todos os tipos de barbárie, fruto da racionalização, deve-se opor a racionalidade. “Trata-se, hoje (...), de salvaguardar a racionalidade como atitude crítica e vontade de controle lógico, mas acrescentando-lhe a auto-crítica e o reconhecimento dos limites da lógica.” (MORIN, 1998, p. 169).

Estas são ideias de Morin datadas de 1982, ano da publicação original das citações acima e que constam da obra *Ciência com Consciência* (1998). Ele as retoma e reforça em 2005 na obra *Cultura e barbárie européias*. Por exemplo, nesta passagem:

Existe, portanto, uma racionalidade crítica que evita as armadilhas da racionalização, uma racionalidade autocrítica que associa razão, conhecimento e auto-análise. As doenças da razão não se explicam pela própria racionalidade, mas pela sua perversão em racionalização e pela sua quase-deificação. (MORIN, 2009, p. 56).

Essa racionalidade crítica ele a vê desenvolver-se, por exemplo, na Europa ao longo da Modernidade, a par do desenvolvimento da razão instrumental. As nações européias foram veículo de inúmeros acontecimentos de barbárie: desde o processo de invasão e conquista violenta de outras terras passando pelo processo não menos violento da colonização, incluindo aí a escravidão de tantas pessoas, até todas as guerras, inclusive as de nossos dias. Mas, diz ele, ao mesmo tempo, foi nessa Europa que floresceu o Iluminismo que carregava consigo o fermento crítico da racionalidade ou da razão aberta. Esse fermento crítico apontava de um lado para o absurdo e o

horror da barbárie dominadora e, por outro lado, para a necessidade e legitimidade dos processos de emancipação em relação a essa dominação. O processo de colonização carregou consigo o seu contrário que foram as idéias de não dominação presentes em pessoas que, por qualquer razão aportaram às terras colonizadas. As idéias de emancipação caminharam juntas com os processos de dominação. O processo pode ser visto como um processo complexo, a se utilizar a terminologia e o significado de complexidade para Morin. Idéias antagônicas como dominação e emancipação, no bojo desse processo complexo, são complementares de algum modo. O horror à barbárie da dominação e a todos os atos de violência que com ela vieram, suscitaram o repúdio de muitos que participavam de uma sociedade na qual já havia sido plantado o fermento crítico da racionalidade. E esse horror sempre fez parte dos dominados e dos oprimidos que dele queriam se libertar. Um desejo que ganha reforço das mentes de quem, vindo para colonizar ou apenas para conhecer as novas terras dominadas, apercebem-se de algum modo do horror da dominação. E, por assim ser, não deixam de manifestar esta maneira de pensar. Um exemplo típico pode-se encontrar em sermões do Padre Vieira no Brasil colônia. Esse fermento caminhou junto na história da colonização e, também por conta dele, foi possível opor-se a ela. Diz Morin:

Chegamos então a duas idéias complexas. Primeiramente, a Europa Ocidental, centro da maior dominação que já existiu no mundo, e ao mesmo tempo centro das idéias emancipadoras que vão minar essa mesma dominação. (...) Essas idéias foram o fermento da descolonização. É, portanto, na Europa, centro da dominação e da conquista, que se formam os antídotos que são as idéias emancipadoras. (MORIN, 2009, p. 59).

Ainda que apontando a Europa como o centro das idéias emancipadoras, Morin relativiza essa centralidade. É importante que se constate que os movimentos de emancipação no mundo não se devem somente às idéias libertadoras geradas na Europa. Outros povos são e foram capazes de gerá-las e as condições de dominação são sempre oportunidade para seu florescimento, até por conta do incômodo gerado pelo sofrimento da opressão. Oportunidade infeliz pode-se dizer, pois a humanidade bem que poderia ter encontrado um caminho menos duro para desenvolver as idéias de liberdade! E aqui cabe a ressalva que Morin faz quando aponta os resultados civilizadores das conquistas bárbaras. Pode-se até reconhecer que algumas delas foram oportunidades de disseminação de valores civilizatórios positivos, ele deixa a entender, mas que isso não “signifique, obviamente, que essas barbáries originárias devam ser retrospectivamente justificadas, nem encobertas pelo esquecimento”. (MORIN, 2009, p. 19). Em todo caso, nas situações dolorosas de dominação, há sempre um ser humano capaz de se rebelar à violência da dominação o que ganha possibilidades maiores dependendo de condições históricas propícias. Elas sempre surgem, a se admitir o movimento dialético da história humana ou a se admitir a característica dialógica da realidade como o indica o Pensamento Complexo. Ao se reportar à globalização econômica de nossos dias que tem origens no que ele denomina primeira globalização, a que ocorreu a partir do final do Século XV e a partir do Século XVI, Morin chama a atenção para os próprios germes de humanismo emancipador que ela pode carregar: “... não se pode reduzir a globalização econômica e mercantil a uma homogeneização medíocre; ela suscita uma globalização humanista, e dela se alimenta – sem por isso, é claro, com ela se confundir.” (idem, p. 64).

Ao poder suscitar uma globalização humanista, ou ao menos, ao poder suscitar desejos fortes de emancipação de todo tipo de dominação e, ao mesmo tempo,

ações que possam levar a resultados concretos condizentes com esses desejos, um papel fundamental é atribuído por Morin à racionalidade, ou ao desenvolvimento da razão aberta. A razão fechada leva à racionalização, leva à razão instrumental. A razão aberta leva à libertação, ou ao menos é instrumento potente para isso.

Retomando, na terceira parte do livro *Cultura e Barbárie Européias* (2009), vários exemplos de barbárie ocorridas na Europa ou ocasionadas por ações de nações européias, Morin alerta para as possibilidades de tudo isso continuar a ocorrer. Mas ele crê que é possível reverter os caminhos que levam à barbárie.

Nada é irreversível e as condições democráticas humanistas devem regenerar-se em permanência, caso contrário elas degeneram. A democracia precisa recriar-se em permanência. *Pensar* a barbárie é contribuir para a regeneração do humanismo. É, portanto, a ela resistir. (MORIN, 2009, p. 108. Itálico do autor.)

Regenerar o humanismo envolve regenerar o bom papel da Razão. Aquele papel sonhado pelo Iluminismo e que degenerou em razão instrumental. Mas houve a geração de uma razão aberta ao mesmo tempo. A razão capaz de ser crítica e auto-crítica. Essa é a razão que Morin propõe que seja cultivada nas ações educativas. Ela é uma possibilidade de encaminhamentos positivos, ou seja, de encaminhamentos que superem a dominação, a violência, a crueldade. Uma possibilidade e nunca uma certeza. Mas, uma possibilidade na qual podemos apostar.

Podemos mesmo? Não seria essa uma frágil utopia? Parece-nos que não. Vale aprofundar a concepção de razão aberta ou de racionalidade. Vale aprofundar a concepção de razão crítica e auto-crítica. Vale levar estes aprofundamentos para a teoria educacional de tal maneira que se possa, no conjunto dos esforços dos educadores, encontrar caminhos que possam ser ajudas no seu desenvolvimento. Quem sabe esteja aí um dos caminhos para a superação da barbárie.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- KANT, Imanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.
- _____. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Cecília Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- MORIN, Edgar. *Para Sair do Século XX*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, Edgar. *O Método 5: A humanidade da humanidade*. A identidade humana. Trad. Juremir Machado da Silva. 2ª edição. Porto Alegre : Sulina, 2003.
- _____. *Cultura e barbárie européias*. Trad. Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Recebido para publicação em 13-10-09; aceito em 10-11-09